

CONSTRUINDO CURSOS ON-LINE INTERATIVOS: CONSIDERAÇÕES DE DESIGN INSTRUCIONAL

Carlos Henrique Silva de Castro/Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Este trabalho é fruto de observações possibilitadas por duas pesquisas de pós-graduação, sendo uma de mestrado e outra de especialização. O nosso objetivo é apresentar orientações sobre as diversas etapas que envolvem a construção e o acompanhamento de cursos on-line sem termos, entretanto, a pretensão de esgotar as possibilidades pedagógicas. Pretendemos, assim, contribuir para a construção de comunidades interativas com resultados significativos em aprendizagem. Dividimos o trabalho em 5 seções que tratam de: planejamento; afetividade; abordagem pedagógica; avaliações e, ao fim, ferramentas para o diálogo, sendo que, no que diz respeito às ferramentas, limitamo-nos aos chats e aos fóruns, por serem estas as pesquisadas por este autor. A iniciativa de se desenvolver um trabalho nesses moldes se dá por acreditarmos que relatos de boas práticas e de observações científicas podem contribuir positivamente para a educação, bem como para outros setores da sociedade.

PALAVRAS CHAVE: Educação a distância. Design Instrucional. Diálogo.

ABSTRACT: This work is the result of scientific observations made possible by two research projects – a master's dissertation and a specialization final project. Our goal is to provide advice on several stages that involve the construction and monitoring of online courses. We do not intend, however, to end the pedagogical possibilities. We aim thus to contribute to the construction of dialogical communities with significant results in learning. We divided the work into five sections dealing with: planning, affectivity, pedagogical approach, assessments and in the end, tools for dialogue, and, with respect to the tools, the scope of the research is chat rooms and forums, for these have been surveyed by this author. The initiative to develop a project of this nature occurs because we believe reports of good practices and scientific observations can contribute positively to education and other sectors of society.

KEYWORDS: E-learning. Instructional Design. Dialogue.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É inegável a importância que a Educação a Distância, EaD, representa para a sociedade do século XXI. A partir de tal reconhecimento, o presente documento propõe uma série de considerações a respeito da construção de um design instrucional voltado para o diálogo produtivo em cursos on-line. Ou seja, uma interação com resultados reais em aprendizagem.

Este trabalho foi feito a partir de observações possibilitadas por pesquisas de pós-

graduação desenvolvidas em dois níveis distintos, especialização e mestrado. Esta última refere-se à pesquisa que deu origem à dissertação intitulada “Emergência de Comunidades Virtuais de Aprendizagem engajadas: quando questões identitárias (não) resultam em diálogo” (CASTRO, 2010). A outra se refere ao trabalho monográfico intitulado “Proposta de design instrucional do curso livre 'Uso pedagógico do Portal Auge Educacional’” (CASTRO, 2009).

Não temos a pretensão de esgotar as possibilidades de design instrucional. As dicas aqui descritas limitam-se aos *corpora* e ferramentas observados nos citados trabalhos. Da mesma forma, não defendemos que as sugestões aqui elencadas tenham validade para todos os cursos ofertados em quaisquer contextos. Cabe ao interlocutor comparar seu(s) curso(s) em busca de semelhanças e dissimilaridades a fim de obter ganhos ao seguir os caminhos apontados.

Trazemos considerações sobre as diversas etapas que envolvem planejamento e desenvolvimento de um curso on-line. Para tanto, esse trabalho conta com cinco seções, quais sejam: 1) Planejamento; 2) Afetividade em EaD; 3) Abordagem pedagógica; 4) Avaliações de aprendizagem aplicadas à EaD; 5) Ferramentas para o diálogo. Esperamos que nosso trabalho contribua para boas práticas em EaD, modalidade de ensino que caminha a passos largos no nosso país e tem a responsabilidade de trazer maior acessibilidade e contribuir para a formação do cidadão brasileiro.

1 PLANEJAMENTO

Considera-se que o ponto central para o alcance do diálogo e, conseqüentemente, da aprendizagem é o bom planejamento dos cursos. Para tanto, inicialmente, existe a necessidade de se definir os objetivos do curso e seu público-alvo. A partir destes, deve-se selecionar o conteúdo que, por sua vez, deverá articular-se com o contexto em que o curso será aplicado. Assim, a identificação do público-alvo torna-se ponto crucial para o início dos trabalhos. Caso isso não ocorra, incorrer-se-á no erro de se definir objetivos errôneos acerca do contexto de aprendizagem, o que fatalmente resultará em não se alcançar os objetivos, uma vez que não condizem com a realidade e demanda do discente.

Auxilia-nos nos passos a serem seguidos para um planejamento adequado as sugestões de Franco *et al.* (2007). Para as autoras, deverão ser considerados e informados previamente ao interessado em se inscrever em um curso on-line os seguintes pontos:

- O nome do curso de forma clara, sugestiva e objetiva;
- Definição clara de objetivos bem como a devida justificativa;
- Definições claras de público-alvo, áreas afins, conhecimentos prévios e requisitos necessários;
- Informação de tempo a ser disponibilizado, bem como datas de início e fim.

Acrescentamos às sugestões das autoras os seguintes itens:

- Ementa;
- Recursos tecnológicos requeridos.

Outros pontos do planejamento necessários ao bom funcionamento dos cursos, que

poderão ser omitidos do público antes de sua inscrição por motivos de sigilo de conteúdo, são:

- Planejamento prévio das aulas para a devida adequação do tempo;
- Metodologia adotada, objetivos específicos e atividades a serem desenvolvidas;
- Bibliografia;
- Formatos dos conteúdos e mídias a serem utilizadas;
- Avaliações.

A partir do planejamento inicial, o trabalho no decorrer do curso será na adequação de pequenos pontos em consonância com os *feedbacks* recebidos e nas avaliações feitas e, ainda, no acompanhamento do andamento das atividades, bem como no estímulo à interação. Um bom desenho instrucional deverá valorizar a interatividade e o retorno às dúvidas de quaisquer ordens em prol de afetividade, de um aprendizado ativo e da motivação, como buscamos esclarecer na próxima seção.

2 AFETIVIDADE

O aprendizado em EaD torna-se um processo cada dia mais comunicativo com a evolução e utilização das ferramentas de comunicação. Conforme defendem Braga e Franco (2007, on-line), a comunidade científica está cada vez mais conscientizada de que “os processos de ensino e aprendizagem humana em salas de aulas virtuais são diretamente influenciados pela interação entre os participantes, e que o sucesso desta interação depende de diversos fatores afetivos e emocionais”. Dessa forma, a interação em fóruns, comentários, chats, e não apenas o produto final, devem ser levadas em conta, inclusive nas avaliações, tendo em vista que interfere diretamente em processos mentais como memorização, atenção e raciocínio.

Uma ferramenta com potencial para o desenvolvimento da afetividade, e, por conseguinte, para o diálogo, é o “Perfil”, disponível em diversos ambientes virtuais de aprendizagem (doravante, AVA). É nessa ferramenta que o aluno se mostra desde o início do curso, o que poderá contribuir para a aproximação entre os discentes e entre discentes e formadores (professores e tutores).

O formador, ao decorrer do curso, por meio das participações dos alunos em chats, fóruns, e-mails e atividades lúdicas, poderá, também, verificar a alteração de humor e de motivação dos discentes. A partir de tais observações, poderão ser planejadas atividades nas quais os alunos se envolvam mais uns com os outros na tentativa de motivá-los. Recomenda-se assim, a presença de dinâmicas diversas, atividades de interação e colaboração, bem como atividades em grupo.

3 ABORDAGEM PEDAGÓGICA

Um bom projeto de EaD deve prever os tempos de aprendizado contemplados na educação presencial para a construção adequada do conhecimento adaptados a uma nova realidade

na qual professor e alunos encontram-se distantes fisicamente. Tais momentos são elencados por Kenski (2005-2006) como os tempos de ouvir ou ler, pensar e executar. Adicionalmente, a escola atual, a partir dos ideários construtivistas, pressupõe outras formas alternativas como o pensar que nasce da execução ou a leitura e pesquisa que partem do pensar, invertendo as prioridades de acordo com as necessidades do aluno que deve ser um sujeito ativo na construção do conhecimento. Como fazer isso via internet? É esse o difícil trabalho do designer instrucional que só se torna possível utilizando-se das mais novas possibilidades tecnológicas, em sua maioria, incorporadas pelos AVAs, que permitem interação, construção coletiva e mediação adequada do professor.

Conforme Thomaz e Knezek, na reestruturação das novas escolas, as seguintes experiências de aprendizagem são sugeridas:

- acomodar diferentes tipos, modos, estilos e estratégias de aprendizagem;
- envolver um grupo diverso de participantes da escola, família e outras fontes;
- ser centrada no aluno, colocando maior responsabilidade na aprendizagem do aluno;
- assistir os alunos no desenvolvimento de aprendizado em rede;
- reforçar o sistema nas tecnologias novas e emergentes para dar suporte à reestruturação do currículo e à reestruturação das experiências de aprendizagem (THOMAZ & KNEZEK, *apud* CAMPOS et al., p. 6, 1998).

Trazendo tais conceitos para a EaD, projetos pedagógicos devem conter:

- Atividades teóricas que contemplem a apresentação de todos os conteúdos que servirão de base inicial para o estudo, em formatos diversos, bem como a presença de hipertextos para o acréscimo de conteúdos adicionais ao aluno, de acordo com seus interesses e necessidades;
- A presença de atividades práticas que possibilitem a discussão, a emergência de novos pontos de vista e uma efetiva construção coletiva de conhecimento.

Acrescentamos ainda que todas essas atividades, teóricas e práticas, devem resultar em aprendizagem e compreensão dos problemas propostos sob múltiplas perspectivas, sobretudo externas à sala de aula, a partir do incentivo ao pensamento crítico, da troca de experiências e da testagem de alternativas, com a assistência devida ao aluno pelo corpo docente.

4 AVALIAÇÕES DE APRENDIZAGEM APLICADAS A EAD

Para o alcance dos objetivos traçados para um curso, torna-se essencial a existência de avaliações iniciais, ao longo e ao final do processo. O conceito de avaliação aqui utilizado é o de Franco *et al.* (2008, *on-line*), qual seja:

(...) qualquer método sistemático de ‘busca de evidências’ com o objetivo de apreciar, computar, estimar, calcular um valor determinado ou características de um propósito específico, a partir de perguntas e inferências sobre conhecimentos, habilidades e atitudes.

Para Franco *et al.* (2008), a avaliação pode ter três finalidades específicas enquanto ferramentas de cursos on-line: 1) preparação inicial; 2) medição de competências adquiridas; e 3) verificação de objetivos alcançados. Considerando tais necessidades, cursos on-line devem conter:

- Avaliações diagnósticas e formativas que verifiquem a bagagem trazida pelo aluno, bem como as necessidades que possam surgir a fim de se adequar ou, quando necessário, reestruturar o conteúdo e as metodologias conforme *feedbacks* colhidos;
- A presença de avaliações somativas, ou certificativas como nomeiam as citadas autoras, a fim de se verificar se os objetivos traçados foram ou não alcançados.

5 FERRAMENTAS PARA O DIÁLOGO

Sabe-se que as possibilidades em ambientes virtuais são muitas e a escolha de ferramentas e mídias adequadas impactará no resultado. Deve-se optar por mídias de baixo custo, de fácil acesso e uso e, sobretudo, que apresente vantagens e benefícios pedagógicos. Conforme afirma Kenski (2005-2006), é preciso avaliar quando da escolha das mídias se o discente será simples usuário ou consumirá as produções desenvolvidas por ele e apresentadas a ele. Em cada caso específico deverá ser pensada a mídia mais proveitosa para a sua boa utilização e bons resultados.

Os cursos on-line devem ofertar, como já pontuado, atividades em ferramentas interativas como as sessões de chat, fóruns, wikis, glossários, dentre outros. Tal ação visa oportunizar aos cursistas momentos de diálogo e trocas de experiências a fim de que construam conhecimentos coletivamente. A respeito dos chats e fóruns, temos algumas observações, que seguem:

5.1 Chats

Sessões de chat podem ser usadas com o objetivo de reunir a turma em momentos de apresentação inicial, avaliações e socialização. Contudo, a utilização de chats como único espaço de discussão sobre um tema, de acordo com as experiências relatadas nas pesquisas que deram origem a este trabalho, devem ser evitadas. Tal posicionamento é calcado no pressuposto de que características relativas às realidades locais tais como fuso horário, horário de trabalho, estudos, lazer e outros, podem ser diferentes entre os cursistas. Assim, orienta-se que um design instrucional voltado para o diálogo deve se utilizar de chats apenas em casos nos quais não haja possibilidade de se prejudicar um ou outro cursista que não possa comparecer no horário combinado ou, ainda, nos quais a comunicação assíncrona não possa substituir a síncrona. Outra possibilidade é negociar mais de um turno para as seções e disponibilizar os *logs* posteriormente.

Como última observação sobre os chats, afirma-se que as sessões devem ter objetivos claros a fim de que o diálogo seja proveitoso e motivador. Do contrário, muitos poderão não estar preparados para a troca de impressões e aprendizagem e, assim, podem não contribuir com o potencial que possuem, sentirem-se desmotivados, e até mesmo não conseguirem estabelecer uma dinâmica de interação que resulte em aprendizagem.

5.2 Fóruns

Os fóruns são importantes espaços de diálogo. Podem ser usados para tirar dúvidas, para espaço de discussão de conteúdos específicos ou temas transversais, para recreação, apresentações, entre outros. Caso o AVA possua a funcionalidade de o próprio cursista abrir tópicos dentro do fórum, o design instrucional deve contemplar tal ação. Pois assim, os discentes poderão iniciar diálogos específicos de acordo com seus interesses, o que facilitará a troca de experiências e construção de conhecimentos a partir de pontos de vistas pessoais trazidos pelos cursistas, o que poderá resultar em maior engajamento e em resultados positivos na aprendizagem.

CONCLUSÃO

Esperamos que essas poucas páginas, as possíveis de acordo com o gênero textual utilizado, contribuam para a elaboração de desenhos instrucionais mais interativos. De acordo com o objetivo definido para o trabalho, apresentamos orientações sobre as diversas etapas que envolvem a construção e o acompanhamento de cursos on-line sem, entretanto, termos esgotado as possibilidades pedagógicas.

Concluimos que trabalhos nestes moldes, que repassam orientações obtidas a partir da observação de boas práticas no ensino, têm muito a contribuir com o cenário educacional. Os passos sugeridos envolvem desde o planejamento inicial e o design instrucional, o acompanhamento e, caso necessário, a readequação de conteúdos e metodologias, até as avaliações finais. Não tratamos de questões pontuais por acreditar que situações específicas requerem estudos específicos e este trabalho objetiva trazer contribuições que podem ser replicadas, desde que observadas as características do público local.

Uma versão mais completa deste trabalho, à qual chamamos de “Manual para construção de cursos on-line” pode ser encontrada no site <<http://educlick.wordpress.com/>>. O referido manual pode ser distribuído e reproduzido livremente, desde que respeitadas as condições estabelecidas pela licença “Creative Commons 3.0 Brasil”, descritas no próprio manual.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Dilma Bustamante; FRANCO, Lúcia Regina Horta Rodrigues. *Análise das emoções em ambientes de aprendizagem virtual*. 2007. Disponível em: <<http://www.ead.unifei.edu.br/~teleduc/cursos/aplic/material/>>. Acesso em: 28 jun. 2008.

CAMPOS, Fernanda C. A.; ROCHA, Ana Maria da; CAMPOS, Gilda H. B. de. *Design Instrucional e Construtivismo: em busca de modelos para o desenvolvimento de software*. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1998. Disponível em: <<http://lsm.dei.uc.pt/ribie/docfiles/txt200342319538250M.PDF>>. Acesso em 10 abr. 2012.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de. *Emergência de comunidades virtuais de aprendizagem*

engajadas: quando questões identitárias (não) resultam em diálogo. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, Instituto de Educação Continuada, Pesquisa e Extensão, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte. 191f. 2010. Disponível em:

<<http://www.mestradoemgsedl.com.br/wp-content/uploads/2010/06/Dissertacao-carlos.pdf>>.

Acesso em 10 abr. 2012.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de. *Proposta de design instrucional do curso livre “Uso pedagógico do portal Auge Educacional”*. 2009. UNIFEI. Orientador Dr. Fernando das Graças Braga da Silva. Itabira/MG. 68p. Monografia.

FRANCO, Lúcia Regina Horta Rodrigues; BRAGA, Dilma Bustamante; MACHADO, Ana Lúcia Lima; *et al.* *Processos de interação e comunicação*. 2007. Disponível em: <<http://www.ead.unifei.edu.br/~livrodigital/geraLivro.php?codLivro=165&codCap=316>>. Acesso em: 11 jun. 2009.

FRANCO, Lúcia Regina Horta Rodrigues; SALOMON, Eliana de Fátima Souza; BRAGA, Dilma Bustamante. *Conceituando avaliação*. 2008. Disponível em: <<http://www.ead.unifei.edu.br/~livrodigital/geraLivro.php?codLivro=182&codCap=253>>. Acesso em 13 jun. 2009.

KENSKI, Vani Moreira. *Gestão e uso das mídias em projetos de educação a distância*. E-curriculum: PUC São Paulo. São Paulo. Vol. 1, n° 1, dez-jul/2005-2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ecurriculum/artigos_v_1_n_1_dez_2005/vanikenskiartigo.pdf>. Acesso em 03 jul. 2009.